

Releitura crítica de dois clássicos modernos

STAROBINSKI, Jean. *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*. São Paulo: Editora 34, 2014.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Escritores que, pela genialidade de seus textos e/ou pela maneira como - por meio da literatura - souberam ler o mundo à sua volta são, sempre, uma fonte inesgotável de informações e criatividade. Esse é o caso de dois dos mais importantes nomes da literatura ocidental - o francês Charles Baudelaire e o tcheco Franz Kafka - que têm suas obras reavaliadas em dois curtos, mas fundamentais ensaios críticos: *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*, de Jean Starobinski; e *Kafka: por uma literatura menor*, de Gilles Deleuze & Félix Guattari.

Natural da Suíça, Starobinski formou-se em medicina e letras, tendo atuado como professor em várias universidades, especializando-se em literatura francesa e tornando-se crítico de artes em geral. Deleuze & Guattari, filósofos franceses, celebrizaram-se por terem escrito vários livros juntos, alguns dos quais se tornaram referência obrigatória no âmbito da filosofia e do pensamento ocidental.

A partir de conferências feitas no Collège de France entre 1987 e 1988, Jean Starobinski, em seu *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*, discorre sobre a presença da melancolia na poesia de Baudelaire, em especial nas suas *Flores do Mal*.

Segundo o autor, o termo melancolia tinha, na ocasião da publicação do livro de Baudelaire, sofrido uma espécie de desgaste por seu uso excessivo na literatura, o que teria

levado o poeta francês a usá-lo sem proferir muito o termo (“dizer a melancolia, sem pronunciar demais o termo”, p. 15). Uma das saídas foi substituí-lo por termos similares, com valor semântico aproximado, mas que tivessem o mesmo sentido, como *spleen*, termo predominante em Baudelaire. São perífrases e alegorias que servem de alternativa à própria palavra melancolia. Assim, alegoricamente, a melancolia em Baudelaire surge, por exemplo, como uma mulher jovem e, além do mais, como revela a tradição iconográfica, relacionada à figura do espelho, ao olhar que se volta a si mesmo, seja indicando uma volúpia solitária, seja revelando um sofrimento igualmente solitário.

Em Baudelaire, a melancolia aparece, ainda, sob a roupagem da ironia, tornando-se - ao contrário da tradição da medicina, em que ela é humoral, relacionada à bile - um ato de consciência: “como um alquimista, ele transmuta a melancolia, refina-a e a espiritualiza, privilegia sua ponta cortante, a quintessência sadomasoquista” (p. 31). Já segundo a tradição clássica (de Aristóteles a Ficino), a melancolia é seca e fria, tal como surge em Baudelaire, quase sempre - o autor salienta - vinculada ao espelho (“figuras inclinadas, olhares ao espelho, reflexão melancólica”, p. 75).

Em *Kafka*: por uma literatura menor, Gilles Deleuze & Félix Guattari começam afirmando que a obra de Kafka é um rizoma, referência a um conceito caro à filosofia desenvolvida pela dupla. Sem procurar arquétipos, associações livres ou mesmo uma interpretação de sua obra, os autores procuram, antes, uma política de Kafka, nem imaginária, nem simbólica. Inserem, nesse sentido, sua obra no conceito de literatura menor.

Segundo os autores, uma literatura menor tem como características: a) uma língua afetada por um forte coeficiente de desterritorialização (“uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”, p. 35); b) o fato de tudo nela ser político (“seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política”, p. 36); c) o fato de tudo, nela, tomar um valor coletivo (“é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária; é a literatura que produz uma solidariedade ativa”, p. 37).

Em resumo: “as três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo da enunciação. É o mesmo que dizer que ‘menor’ não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)” (p. 39).

Com o conceito de literatura menor, fica mais fácil tentar definir o que seja uma literatura marginal, popular ou proletária, já que a literatura menor (como esses “tipos” arrolados) instaura de dentro de uma língua maior um exercício menor, além de tornar-se “máquina coletiva de expressão” (p. 39). Portanto, é esta “literatura menor ou revolucionária” (p. 58) cuja expressão “deve quebrar as formas, marcar as rupturas e as ligações novas” (p. 58) que Kafka constrói.

Ambos os estudos esclarecem aspectos, senão novos, ao menos pouco explorados pela crítica especializada em relação à produção literária de Baudelaire e Kafka, esses dois indiscutíveis ícones da literatura ocidental. A leitura dos estudos aqui citados vale, portanto, não apenas pelo que possuem de acuidade crítica, mas também por se tratar de raros exercícios de interpretação literária.

Maurício Silva¹

¹ Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Nove de Julho (São Paulo).